

ALTINO DO TOJAL

VIAGEM A VER  
O QUE DÁ



BIBLIOTECA DE **AUTORES  
PORTUGUESES**



ALTINO DO TOJAL

# VIAGEM A VER O QUE DÁ

*5.ª edição, revista*

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2005

*Primeira Parte*

# **O SENHOR MIRALES**

## EPITÁFIOS NO CORAÇÃO

Propôs-me o senhor Mirales, num melancólico começo de ano, ir por aí acima a ver o que dava, deixando temporariamente esta cidade de Lisboa, o meu quarto alugado, a cadeira rangente onde o meu cu já quase ganhou raiz, a secretária de pinho onde desovo os livros que me asseguram pratadas de carne de porco, rum da Jamaica e excelente tabaco holandês. O senhor Mirales propôs e eu, Hipólito, aceitei. Anoitecia quando arrancámos no seu velho automóvel — o seu *camelo fiel*, como ele lhe chamava, sem que eu então soubesse porquê. Foi uma viagem de quilometragem modesta, sem dúvida, mas tremendamente mais enriquecedora do que aquelas que empreendi a terras longínquas cujos nomes exóticos bastam para nos acender a imaginação. Confesso, primos, que por essa altura crítica da minha vida o apitar do *Expresso do Oriente* já não me excitaria; talvez nem o rugir duma nave cósmica largando para as estrelas duma remotíssima galáxia me causasse formigueiros nas plantas dos pés e um invencível desejo de partir também. Ignoro se nas minhas veias correm algumas gotas do sangue daqueles homens bisbilhoteiros que tornaram Portugal respeitado nas selvas e nos mares; mas, primos, mudar de lugar não curava a minha angústia existencial, não calava dentro de mim o gemebundo *aqui jaz* dos epitáfios. Tão-pouco me estimulava aquilo que move a maior parte dos viajantes que conheço: partir para depois deslumbrar os amigos. Já bocejara de tédio nas escadas íngremes dum templo maia, naquilo que restava dos jardins suspensos de Babilónia, numa torre ameçada da grande

muralha da China. Por esses e outros excitantes lugares continuara a ouvir dentro de mim o *aqui jaz* dos epitáfios. Continuaria a ouvi-lo nas próprias estrelas, estou certo, se porventura lá fosse na tal nave rugidora. Afinal, tive na viagemzinha com o senhor Mirales a certeza gloriosa de estar vivo. Primos, encaremos honestamente os factos: sem essa viagem a bem dizer doméstica, é provável que eu tivesse agora a caveira cheia de vermes debaixo dos torrões. Não que me rondasse o quarto algum perigoso assassino que conviesse despistar, pois se algo me ameaçava era o meu estado de espírito — e esse assassino trazia-o na cabeça. O que sucedia era o seguinte: estava simplesmente farto e refarto de viver! Deixara-me ir abaixo; descera ainda mais fundo que o estrato da indiferença; sufocava numa caverna abissal de misantropia pura. Ao contrário do senhor Mirales, há muito que desistira de folhear a Sagrada Escritura em busca de palavras de esperança. Folhear a Sagrada Escritura não me inspirava pensamentos floridos, não calava no meu coração o *aqui jaz* dos epitáfios. Sinto que coro, primos, ao escrever estas palavras — e coro porque menti. Na verdade, só folhee a Sagrada Escritura para ver os bonecos, como, por exemplo, aquele do Jonas a ser engolido pela baleia ou o dos velhos libidinosos espiando a casta Susana. Já não folheava coisíssima nenhuma. Sentia-me cada vez mais vazio. Até o acto excitante de desovar os meus livros se ia tornando fastidioso. Como hoje estremeço ao recordar aquelas horas opressivas em que, com quarenta anos feitos, sombrio e acarecado, saía à noite do meu buraco e errava cabisbaixo pelas ruas solitárias, mãos nos bolsos do capote, cachimbo a fumar nos dentes postiços! Devia ter um aspecto inquietante, porque alguns transeuntes desciam do passeio, a dar-me largueza, e as mulheres mais impressionáveis chegavam a mudar-se cautelosamente para o outro. Certa noite de Páscoa, ouvi mesmo duma jovem turista espanhola estas palavras: «*Que cara de Drácula, hombre!*», o que provocou gargalhadas num grupo de papalvos lusitanos, aos quais, é claro, logo desafiei prà porrada. Desconfio, primos, que até os cães vadios me evitavam — e nenhum noctívago desconhece como é pungente a avidez de convívio desses

pobres bichos, como eles nos seguem à distância, de olhos doces e suplicantes, na esperança dum afago em vez da gélida indiferença que dói mais do que a fome ou um pontapé no rabo. Todos, mesmo os cães, se afastavam de mim — excepto a Lua, que, iluminando fugidamente as nuvens, parecia dizer-me com um sorriso maldoso: «*Quem te viu e quem te vê, Hipólito! Assim, com o coração cheio de epitáfios, porque insistes em viver? Que esperas tu, em que te fias?*» Irado, detinha-me na rua e, de punho erguido, chamava-lhe barregã, galdéria celeste; que me deixasse em paz, que não se vingasse em mim das suas desavenças com o Sol, que fosse chatear outro! Mas era certo eu ter o coração cheio de epitáfios, que gemiam assim: «*24 de Fevereiro de 1948 — aqui jaz este sonho...*»; «*4 de Agosto de 1952 — aqui jaz esta ilusão...*»; «*16 de Outubro de 1961 — aqui jaz...*» E por aí adiante. Valia-me o saber que quando quisesse poderia ir andando. Esta certeza, primos, era um bálsamo, aliviava, punha regatos frescos a circular-me nas veias esclerosadas, adormecia por algum tempo os gemidos dos epitáfios. Quando quisesse ia andando... Que bom! Ainda por cima, primos, tinha os meios: na gaveta da secretária, debaixo de manuscritos, lá estava o revólver de meu falecido avô — preto, com coroa de marfim acastanhado. Conservava-o desde que o velho morrera, há trinta anos, em Braga, na sua sórdida mansarda. O velho costumava tê-lo debaixo do travesseiro, de sentinela ao colchão, onde escondia espessos maços de notas — o produto de longos anos de avariza. Passara fome, o velho; nas noites sufocantes de Verão, os percevejos deambulavam-lhe vorazmente pelo corpo adormecido; de Inverno, o vento gemebundo introduzia as unhas pelos vidros partidos da janela e fazia-lhe carícias geladas na face enrugada. Eu assistia a tudo, primos, com os meus espantadiços olhos de criança, pensando como se podia querer tanto aos papéis amontoados debaixo de nós — a esses papéis que, sabia-o, nos permitiriam viver com decência. Afinal o velho morreu e os filhos dividiram alegremente a massa. A mim, o neto, tocou-me em partilhas, não sei porquê, o capote e o revólver do falecido. Meus tios e minha própria mãe — que experimentara todos os recursos da farmácia para fazer do

ventre um sepulcro — lá sabiam o que faziam quando me entregaram esses artigos, com os quais devia enfrentar o mundo. O capote, primos, ainda o trago a cotio; quanto ao revólver, guardei-o durante muitos anos, até lhe dar o destino que revelarei lá para o fim deste livro. Gostava desse revólver. Era mais nobre que a lúgubre corda que as potências adversas agitavam diante de mim desde o meu nascimento. Refiro, a propósito, que pesava praí quilo e meio quando nasci. Fui extraído a ferros, pois resisti bravamente. Consta também que, já cá fora, em vez de berrar, como fazem todos, franzi a testa e, grave, silencioso, rolei olhos desconfiados pelos circunstantes. Já me cheirava, primos, que isto não era mundo para mim, não me convinha. Mas, posto em circulação, dei de ombros e deixei-me crescer. Cresci no meio de tais dificuldades, primos, que outro qualquer, no meu lugar, correria a fazer uso da herança. Que fiz eu? Mexi-lhe? Não: deixei-a estar na gaveta. Antes de premir o gatilho impunha-se subir as asperezas do mundo hostil — como o salmão se lança contra a correnteza, pulando açudes, para ir desovar. Cumprida a missão de desovar as criações do meu intelecto, então, sim, poderia sossegadamente ir andando, já que — repito — este mundo não me interessava mesmo nada. Assim fiz, primos: subi a correnteza e desovei. Mas ainda não desovara o suficiente para ir andando em paz deste mundo. Enquanto não desovava tudo o que devia ser desovado, empanturrava-me de carne de porco, bebia rum da Jamaica, fumava excelente tabaco holandês e peidava em cama macia. O pior eram os epitáfios que ao longo dos anos tinham brotado do meu coração assolado por nevões. A minha vontade forte nada podia contra o gemebundo e obstinado *aqui jaz* dos epitáfios. Eu, Hipólito, que vencera a correnteza e lograva desovar, estava à mercê de gemidos interiores... E quem foi que disse, primos, que o sofrimento nos torna melhores? Falso! O sofrimento embrutece-nos e azeda-nos, faz-nos arreganhar os dentes. Se uma criancinha da minha rua chilreasse risonhamente: «*O senhor pode fazer o favor de me dizer que horas são?*», é bem certo, primos, que eu responderia: «*Poder, posso, fedelha, mas não digo.*» Abandalhava-me no sexo. Havíeis de ver-me,

primos, a atrair para o quarto as fêmeas descuidadas que me passavam ao alcance! Como rebojava mais elas na alcatifa, grunhindo de lascívia, entre peúgas malcheirosas, livros, manuscritos, cinza de tabaco e garrafas de rum! As minhas vítimas, valha a verdade, nunca resistiram por aí além — o que me fazia perguntar a mim mesmo por onde raio andaria exilado o pudor. Algumas ensinaram-me até uma data de coisas. A Gugulina *não-sei-quê-vskaya*, por exemplo, aquela moscovita de cabelos de ouro e olhinhos azul-cinzentos... Ainda hoje estremeço, primos, só de recordá-la a estender-me, sorridente e voraz, a gordura trémula dos braços! Tive que a despachar porta fora, com palavras cruéis, apesar dela prometer, soluçando, que me traduziria os livros para russo se eu a fizesse mãe. «*Hipólito, faz-me mãe!*» Fazê-la mãe!... Que desperdício, primos, investir naquele corpo flácido o meu precioso sémen, portador dos esplendores do meu intelecto! E a Ivana *não-sei-quantos-lová*, a checa?... Não é que aquela gigantesca carga de ossos pretendeu rebolar comigo na alcatifa, lá porque traduzira uns livros meus para a sua língua bárbara?! E também falava em filhos! Outra que se propunha melhorar a raça à minha custa! «*Hipólito, quero filhos!*» Ai queres?... Porta fora! E a Lucille *qualquer-coisa-pherson*, aquela esgrouviada professora de literatura, vinda da Califórnia?... Ao recordar o que ela fazia com o corpo, penso naqueles acrobatas de feira que andam com as mãos no chão e o chispe ao alto, pois, tal como eles, a mulherzinha fazia coisas que não se me afiguravam normais. Mas novidades espantosas, primos, novidades a sério, trouxe-as a Ester *deixa-ver-se-me-lembro-guero*, directora duma revista filosófica de Buenos Aires! Era uma fêmea dinâmica, cheia de tiques no rosto. «*Hipólito, nada de vulgaridades, sexo criativo!*» E avançámos no sexo criativo. Que vampiro de sémen, que nojo!... Ao princípio ainda colaborei, atraído pelas novidades. Um facto avultou de imediato: no que respeitava a grunhidos de lascívia, os meus, comparados aos daquela fêmea sísmica, soavam como música de Bach. Depois de cada novidade, primos, lá ia eu para a retrete vomitar... Rua, porta fora! Adiante, que já cheira mal... Mesmo agora, o ter recordado as novidades da Ester força-me a inter-



romper este escrito e a ir de corrida à retrete. Um momento, primos... Pronto, agora que já vomitei, vou resumir em poucas palavras tudo o que ficou para trás e que é o seguinte: eu detestava o mundo, sabia-me detestado por ele e estava desejoso de ir andando. Cada minuto pesava um dia e cada dia pesava um ano. No meu coração assolado por nevões os epitáfios gemiam obstinadamente o *aqui jaz*. Precisava de aliviar, mas não tinha amigos que me aturassem. Inconvenientes de não se ter amigos. Às vezes pensava que não devemos cortar com os amigos, que devemos conservá-los bem conservados, dar-lhes presentes, estimá-los, para que possamos trocar uns sopapos com eles nas horas más. Creio, primos, que teria sucumbido se não fosse a minha antiga livreira; sim, teria sucumbido. A minha antiga livreira era uma velha sacripanta, uma unhas de fome, cheia de manhas, de arteirices. Roubava-me indecentemente. Eu a desovar e ela a enriquecer. Pagasse-me essa harpia honestos direitos de autor e eu até poderia mijar em penico de ouro. Fez-me a vida negra, mas eu fiz-lhe também bastantes cabelos brancos. Eu até nem ligava muito aos honestos direitos de autor, para poder odiá-la com mais veemência. Turrar com ela fazia-me bem à saúde. Era pena que a sua decrepitude me desencorajasse de a desafiar prà porrada. Assim, primos, não tive outro remédio senão andar pela rua à cata de zaragatas com desconhecidos. Tive umas bulhas engraçadas e reconstituintes. Cheguei a trocar uns sopapos com um vendedor de galhardetes desportivos que operava nas imediações do estádio do Benfica, em noite de jogo importante. Rolámos no pó, bufámos, faiscámos lume, fizemos sangue. Recordo-me que ele partiu com um murro a minha placa dentária e recordo-me também que, depois de o estatelar ao comprido, cuspi os dentes para o lenço e guardei-os no bolso para mandar colar. É a lances como este, primos, que um homem mais tarde vem a dar valor; só mais tarde, devidamente fermentados, os apreciamos como deve ser. Claro que podemos gozá-los na altura, ainda frescos; mas não é a mesma coisa. Contendi também, sempre que pude, com a Dona Júlia — o velho estafermo que me alugou o quarto e que me lava a roupa. Anda todo o dia a lastimar-se e a pigarrear,

a subir e a descer escadas, com montanhas de roupa nos braços e um ror de cãesitos fraldiqueiros a ladrar-lhe aos calcanhares. Quando a Dona Júlia não geme ou pigarreia, primos, é porque está com um olho engastado na fechadura — a ver —, ou com uma orelha colada a uma porta — a ouvir. Certa vez que a censurei asperamente, depois duma sessão de sexo criativo com a Ester *deixa-ver-se-me-lembro-guero*, a Dona Júlia ouriçou-se toda, dizendo que vivíamos num país democrático e que tinha direito à informação. Questionávamos amiúde, mas um dia ela disse-me o seguinte: «*O senhor Hipólito tem coisas boas, só que gosta de se fazer pior do que é.*» Não considerei isto um elogio, primos. Fosse como fosse, senti-me estranhamente porreiro, vá lá saber-se porquê; senti-me tão estranhamente porreiro que, apontando os cãesitos fraldiqueiros que lhe embaraçavam os passos, dei-lhe um conselho deveras útil: «*Tenha cuidado com os seus cães, Dona Júlia. Não os solte no quintal nem os deixe ir para a rua, senão os gatos comem-nos.*»

## ÍNDICE

### *Primeira Parte*

#### **O SENHOR MIRALES**

Epitáfios no Coração .....	9
Um Vizinho Singular .....	17
Ao Direito do Nariz .....	29
O Benfeitor .....	37
Põe Música, Galeguixa! .....	43
Brazona .....	51
O Alemão .....	63

### *Segunda Parte*

#### **NA MONTANHA ACIMA DAS BRUMAS**

Em Terras de El-Rei .....	81
De Cama .....	95
Dois Velhos aos Ninhos .....	97
Raivando e Peidando .....	107
Sua Majestade .....	115
Às Calças! .....	123
Em Terras do Presidente .....	131
Combate Formidando à Moda Antiga .....	133
Sua Excelência .....	141
Um Salto Minóico .....	149
Golpe de Estado .....	161
Subindo a Montanha .....	173
Glória a Deus nas Alturas! .....	183
Conclusão .....	191